

Tudo se ilumina à luz do passado: memória cultural judaica na obra de Jonathan Safran Foer
Everything is Illuminated Under the Light of Past: Jewish Cultural Memory on Jonathan Safran Foer's Novel

Mail Wanderson de Sousa Freitas*

Resumo: A década de 1990 proporcionou uma visão multiangular da Segunda Guerra Mundial. O cinema trouxe cenas fortes e denunciou para as platéias a maior amostra de barbárie já cometida pelo furor do homem. O massacre sofrido pelos judeus tornou-se fato conhecido quase universalmente, embora muitas pessoas não entendam direito as motivações de tal crime, nem saibam realmente quem são os judeus. O presente artigo tem por intuito esclarecer as peculiaridades do povo judeu, refletindo acerca da influência do período pós Segunda Guerra para a construção da identidade cultural judaica atual. Após analisar os elementos nos quais se fundamenta a identidade judaica, será feita uma leitura da importância da memória cultural judaica para a construção do personagem central do romance *Tudo se ilumina*, de Jonathan Safran Foer.

Palavras-chave: Judaísmo. Memória. Jonathan Safran Foer.

Abstract: The decade of 1990's gave us a multi-angular vision of the Second World War. The motion pictures have shown us strong scenes and denounced to the audience the greatest ever sample of barbarism committed by men's rage. The massacre suffered by the Jews has become a fact known almost universally, although many people do not understand rightly the motivations for such crime, and not even know who really the Jews are. The present work aims to enlight the peculiarities of the Jewish people, considering the influence of the post-Second World War period on the construction of the Jewish cultural identity today. After understanding the elements, which are fundamental for the Jewish identity, an analysis will be developed focusing on the relevance of the Jewish cultural memory for the construction of the main character in the novel *Everything is illuminated*, by Jonathan Safran Foer. As theoretical basis, this work is reasoned upon studies of Jonathan Sacks (2002) about Jewish culture, and also upon considerations by Stuart Hall (2006).

Keywords: Judaism. Memory. Jonathan Safran Foer.

Introdução

O judaísmo é uma das religiões mais antigas de que se tem conhecimento. A história do povo judeu é uma trajetória que se estende ao longo de mais de cinco mil anos. Com participação importante em inúmeros acontecimentos históricos importantes, é inegável sua contribuição nas artes e nas ciências. Entretanto, sempre enfrentou perseguições e ódio de outros povos, chegando perto do total extermínio de presença na Europa durante o Holocausto na Segunda Guerra Mundial.

Após a guerra, os judeus se dispersaram para vários países do mundo e deram início a um processo de resgate da memória de seus antepassados e reconstrução da sua identidade cultural. Hoje, a identidade judaica é fortemente marcada pela tragédia da Segunda Guerra Mundial. Os remanescentes do Holocausto assumiram um compromisso com a preservação das tradições judaicas, garantindo a sobrevivência, de uma forma ou de outra, de seus costumes e tradições.

Essa perpetuação se dá não apenas no ambiente da educação familiar, mas também por meio da arte, com destaque para o cinema e a literatura, sendo esta última o foco principal deste artigo,

que tem por objeto de estudo o romance *Tudo se ilumina* (*Everything is illuminated*), de Jonathan Safran Foer, que permeou sua obra com elementos da memória cultural judaica.

Da narrativa pós-moderna de Foer aos relatos fervorosos do Rabino Jonathan Sacks, compreenderemos a importância do passado para os judeus, e perceberemos como a memória de um povo pode se tornar um compromisso com as gerações futuras.

1 *Tudo se ilumina* à luz do passado: Foer, criador e criatura

Como já foi dito, a Segunda Guerra Mundial foi um triste marco para a história da humanidade, não só da história judaica. Evento de barbárie e destruição, essa guerra foi também um fator determinante para a cultura e o pensamento ocidentais.

Ao fugir do extermínio propagado pelas forças nazistas, muitos judeus se estabeleceram nos Estados Unidos. Um deles foi o avô de Jonathan Safran Foer. Marcado pela tragédia do Holocausto, o escritor é um dos milhões de descendentes de judeus, cujas lembranças de seus antepassados se perderam em meio aos escombros na Europa da década de 1940. Por muito tempo, os judeus foram obrigados a se esconder, vítimas de perseguições e preconceitos. Hoje, mais de sessenta anos após a criação do Estado de Israel, a cultura judaica parece enfrentar menos hostilidade no mundo ocidental e o antissemitismo, embora ainda exista, já não é a ideologia que outrora dominava nações.

É compreensível que a configuração da sociedade pós Segunda Guerra tenha influenciado muitos escritores, com atenção especial aos autores de origem judaica. O escritor, que é também um homem de seu tempo, não vive dedicado exclusivamente ao universo literário. Ele sofre influências da sociedade e da época em que vive; por isso, hoje é fecundo o acervo de obras literárias que buscam a recuperação da identidade judaica por meio da arte:

A interlocução das obras de muitos escritores com a tradição cultural judaica evoca a noção de "intertextualidade", essencial ao estatuto disciplinar da literatura. Tal conceito possibilita analisar como certas imagens, estruturas e argumentos são resgatados e reelaborados nas obras de autores e sistemas literários distintos ou ainda nas obras de um mesmo autor, expressando a tendência salutar de ultrapassar fronteiras artísticas e intelectuais, além da interlocução criativa da literatura com outras formas artísticas e outras modalidades de conhecimento. (ROANI, 2003, p. 21)

Em uma tentativa de recuperar parte da memória de sua família, Foer fez uma viagem à Ucrânia, buscando informações sobre seu avô. A viagem serviu de inspiração para seu romance de estreia, *Tudo se ilumina* (*Everything is illuminated*), publicado em 2002.

A conclusão lógica, para muitas pessoas, é a de que hoje os judeus se sintam mais livres para expressar sua própria identidade e viver a fé judaica. Porém, o que se vê, mesmo atualmente, é um grande número de descendentes de famílias judaicas abandonando a religião, influenciados pelo modo de vida moderno. Nesse cenário atual de confronto entre a tradição e a pós-modernidade, vive a personagem central de *Tudo se ilumina* (*Everything is illuminated*).

Para compreender todas as implicações do romance de Foer, é necessário perceber sua obra não somente à luz de outras áreas do conhecimento – como a História e a Sociologia –, mas também entender como fatos históricos contribuíram para a formação da identidade cultural na qual o autor se insere.

Não se pode pensar que a identidade de cada indivíduo se encerra em si mesmo. Cada pessoa agrega valores e influências relacionados a fatores regionais, sociais e culturais. A família, a religião, o conhecimento enciclopédico têm um peso significativo na forma de entender o mundo e a si próprio.

De acordo com Hall (2006, p. 13), a identidade "é definida historicamente, e não biologicamente". Além disso, nem se pode dizer que cada pessoa possui apenas uma identidade:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

Deve-se atentar, ainda, para o fato de que nem mesmo a concepção de indivíduo é fixa; ela muda por influência dos valores ideológicos que vigoram em cada época. Por isso, é importante conhecer a evolução da concepção do sujeito, para que se compreenda a implicação desse conceito hoje.

A relação entre o indivíduo e os valores culturais vem desde as sociedades mais antigas, onde era mais forte o poder dos valores religiosos sobre a vida das pessoas. Política e vida social eram intrinsecamente ligadas à religião, que detinha não somente o poder ideológico, mas também político e econômico.

O judaísmo possui forte cunho social e seus ritos estão presentes no cotidiano de seus seguidores, não apenas nos templos, daí provém a influência marcante da religião na formação de uma identidade coletiva judaica. A obediência a costumes milenares garantiu, desse modo, ao povo de Moisés que preservasse sua cultura mesmo sem um território próprio. Foer transmite em sua obra elementos do universo judaico, do qual ele faz parte.

A literatura, uma forma de arte que lida com palavras, é, muitas vezes, confundida com textos que não possuem natureza literária. A natureza da obra de literatura origina-se na ficcionalidade; a obra literária é uma ficção, mesmo que seja inspirada em acontecimentos reais. O autor recria o mundo em um universo ficcional, e se torna seu dono, impondo suas próprias regras.

Não se pode dizer, então, que uma obra de ficção seja mentirosa, pois seu intuito não é a reprodução exata da realidade:

As afirmações contidas num romance, num poema ou num drama não representam a verdade literal; não são proposições lógicas. Existe uma diferença central e importante entre uma afirmação, mesmo a produzida num romance histórico ou num romance de Balzac que pareça comunicar uma "informação" acerca de sucessos reais, e a

mesma informação quando publicada num livro de história ou de sociologia. Até na lírica subjetiva, o "eu" do poeta é um "eu" dramático, fictício. Uma personagem de romance é diferente de uma figura histórica ou de uma figura da vida real. É formada meramente pelas frases que a descrevem ou pelas que foram postas na sua boca pelo autor. (WELLEK e WARREN, p. 27, grifos dos autores)

O universo criado na obra literária é, portanto, distinto do mundo real, e não pode ser avaliado em relação às leis e à lógica da realidade. Essa concepção de criação e ficcionalidade é perfeitamente concordante com a hiperrealidade pós-moderna. O autor, por meio da ficção, altera e intensifica a nossa percepção do mundo, dando-lhe talvez mais impacto e vivacidade que a verdade crua.

Faz-se, então, pertinente a assertiva de que o Jonathan Safran Foer autor não é, necessariamente, a mesma figura que o personagem homônimo do romance. Este é um ser fictício, que se baseia em memórias do autor e na forma como ele mesmo se reinterpreta e nos retransmite seu mundo. O romance, mesmo autobiográfico, não perde sua natureza ficcional.

2 Memória cultural judaica: uma busca rígida

A cultura judaica está marcada em *Tudo se ilumina* desde a dedicatória: "Simples e impossivelmente: para minha família". A família é, pois, o ponto de partida e de chegada do romance. Fortemente valorizada pelo judaísmo, a instituição familiar foi fragilizada após a guerra, até hoje existem judeus que buscam evidências e lembranças de seus parentes mortos.

Essa é a motivação do personagem Jonathan, na trama, um jovem que possui uma obsessão: colecionar memórias de sua família. As paredes de seu apartamento são repletas de sacos plásticos contendo objetos que relembrem seus antepassados: de fotografias a restos de comida.

Conhecer o passado é um anseio que leva o personagem a uma busca para conhecer a si mesmo. A construção da sua identidade envolve características pessoais (atributos físicos e psicológicos), bem como a inserção em grupos, coletividades e processos sociais (Epelboim, 2004, p. 88).

A personalidade e a percepção do mundo, para os humanos, são fortemente relacionadas a fatores coletivos, assim, o conhecimento transmitido pela família, pela religião, pela ideologia do grupo no qual se está inserido. Essa bagagem cultural, reinventada no personagem, de certa forma herdada, pode ser denominada memória coletiva, uma temática que ultimamente vem sendo bastante estudada:

The large and growing literature on collective memory, based on the research by sociologists, historians and psychologists, studies the ways in which societies remember, represent and interpret the past, exploring not only the role of professional historians, but also that of film, novels, popular histories, the media, political speech, textbooks, monuments, museums, commemorative rituals...¹ (DESSÍ, 2004, 19)

Em parte, a construção da memória individual depende da memória cultural. Os critérios que se utiliza para avaliar as informações à volta, muitas vezes, podem ser oriundos da tradição herdada dos antepassados.

Hoje, para o povo judeu, a tradição e a perpetuação da memória cultural têm uma importância bastante significativa. Mesmo passando um longo tempo em diáspora, espalhados em vários países do mundo, os seguidores da religião de Moisés não perderam certa unidade, preservando costumes, valores. Embora não tivessem um território próprio até o fim da década de 1940, os judeus permaneceram unidos pelo laço da memória cultural.

Quando ganha da avó uma foto que mostra seu avô, ainda jovem, ao lado de uma mulher, Jonathan decide viajar à Ucrânia para tentar encontrar a moça da fotografia – as únicas informações que ele possuía era o nome dela, Augustine, e que ela havia ajudado o avô de Jonathan a fugir do vilarejo de Trachimbrod, na Ucrânia, onde eles viviam.

A trama do romance alterna entre duas narrativas: a primeira é ambientada no século 19, e mostra o surgimento do vilarejo de Trachimbrod; a segunda história se passa no século 20, e relata a viagem de Jonathan à Ucrânia, na companhia do seu tradutor, o jovem Alex, do avô dele (que se diz cego, mas mesmo assim dirige um carro) e da cadela-guia Sammy Davis Junior.

As duas narrativas distinguem-se não só pelo tempo em que se passam, mas também pela linguagem com que nos são mostradas. Enquanto a viagem de Jonathan é narrada com um estilo mais conciso, simples, a vida no vilarejo de Trachimbrod é descrita com um tom fantástico, mítico.

A linguagem do texto de Foer é reconhecidamente pós-moderna; não se procura enquadrar a escrita do romance em determinado padrão literário. Há trechos em que os fatos nos são narrados como displicência e humor, assim como há também espaço para o uso de recursos da linguagem poética.

No romance, vê-se a expressão em prosa do pós-modernismo, período que engloba as manifestações artísticas desde a década de 1950 até hoje. O cenário da arte contemporânea reflete a desordem pela qual o mundo passa. O pós-modernismo não representa, necessariamente, um estilo de época, pois não se pode identificar uma linha de pensamento única que oriente as artes, no momento histórico atual.

É mais coerente dizer que o pós-modernismo seria a imagem da diversidade artística, sob a influência de uma época culturalmente riquíssima e é inegável a relação entre arte, história e cultura. A arte é gerada pela natureza humana e cada pessoa carrega consigo uma forte influência da cultura do lugar em que vive ou de seus antepassados. Para Welles e Warrern, "Os indivíduos, porém, somente podem ser descobertos e compreendidos em referência a algum esquema de valores, o que não é mais do que a cultura sob outro nome". (p. 16) A postura artística trazida pelo pós-modernismo influenciou não somente a literatura, mas também a arquitetura, a fotografia, a música e o cinema, uma das artes que mais se popularizou.

Para Santos (2001):

Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda,

no cinema, na música e no cotidiano programado pela *tecnociência* (ciência + tecnologia invadindo o cotidiano com desde alimentos processados até microcomputadores), sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural. (SANTOS, 2001, p. 8).

No romance de Foer, mescla-se uma dicção harmônica da delicadeza com uma força dramática. Alguns dos trechos de maior poeticidade acontecem nos momentos que mostram a relação do personagem Yankel com sua filha adotiva Brod:

Ele fez uma cama com jornais amassados numa assadeira funda e colocou-as delicadamente dentro do forno, para que ela não fosse perturbada pelo ruído da pequena cachoeira lá fora. Deixava a porta do forno aberta, e ficava sentado durante horas olhando para ela, como alguém poderia ficar vendo um pão crescer. [...] Quando ele a tirava do forno, para alimentá-la ou simplesmente segurá-la, o corpo dela estava coberto de letras. [...] Às vezes ele a ninava nos braços até ela adormecer, lendo o que estava escrito no corpo dela, e ficava sabendo de tudo que precisava saber sobre o mundo. Se não estivesse escrito nela, não era importante para ele. (p. 59-60)

A linguagem delicada e poeticamente esmerada é utilizada especialmente para narrar os fatos que se passam em Trachimbrod. O vilarejo é uma representação alegórica da Terra Prometida, um lugar imaculado onde os judeus podiam viver em paz, respeitando todos os costumes de sua religião. Esse ambiente pacífico foi, no entanto, destruído com a chegada das tropas nazistas e quase não houve sobreviventes. Jonathan só viria descobrir isso seis décadas depois, em sua viagem à Ucrânia.

Ao fim de sua busca, o protagonista se depara com nada mais que ruínas e objetos encontrados às margens do rio. Tem-se, então, um retrato impactante da paz pervertida pela guerra, semelhante ao cenário que Abraão encontra em um trecho do *Midrash*: um palácio em chamas. O patriarca questiona-se, então, acerca da semelhança entre o palácio abandonado e o nosso mundo. Então ele ouve a voz do próprio Deus, que lhe diz: "Eu sou o governante, o Soberano do universo". (Midrash Bereshit Rabá, 39:1 apud Sacks, 2002, p.73). De acordo com a interpretação de Sacks (2002), o judaísmo tem início a partir desse momento de questionamento, de busca.

O palácio é a representação alegórica do mundo caótico e aparentemente sem solução; as chamas, a maldade. Interpretar essa simbologia de forma simplista é praticamente impossível, já que o palácio representa a criação, a presença divina, e as chamas representam a maldade, e pode-se pensar que um automaticamente exclui o outro. No entanto, Sacks afirma, a esse respeito:

Deus criou a natureza, simbolizada pelo palácio. Mas, em busca do relacionamento, Deus criou um ser dotado de auto-consciência e, portanto, da noção de liberdade e da habilidade para escolher o mal. O homem faz uso desta habilidade. Ele atea fogo ao palácio e incendeia o mundo. Deus pode apagar as chamas. Mas talvez escolha não fazê-lo porque, no momento em que o fizer, o homem não mais será livre. Um ser finito perde a liberdade em um mundo onde o poder infinito passa a intervir em suas ações, impedindo-o de levá-las adiante ou de enfrentar as consequências que venham a acarretar.

Apenas o próprio homem pode pôr fim ao incêndio. Mas ele não está só. Deus, o criador da autoconsciência, é também o criador da linguagem. Deus não somente cria – Ele se comunica. Ele fala com o homem e lhe diz como apagar as chamas. A moralidade não é factual (como as coisas são) ou subjetiva (como eu gostaria que fossem). Ela é fruto da aliança: Deus dá ao homem Sua palavra; o homem dá sua palavra a Deus. Deus ensina, o homem age, e juntos dão início ao *Ticun Olam*, a tarefa de "reparar, ou consertar o mundo". Deus e o homem se tornam, segundo a expressão rabínica, "parceiros no trabalho da criação". A ideia é tão revolucionária hoje quanto há quatro mil anos. E a tarefa ainda não terminou. (Sacks, 2002, p. 78 e 79, grifos do autor)

O trecho citado, apesar de sua aparente simplicidade, mostra, na verdade, um dos grandes pilares da construção da fé judaica, a relação entre o homem e seu Deus. No judaísmo, o ser humano não é mais uma das criaturas, ele assume papel de extrema importância na criação e condução do mundo. O homem, assim, de acordo com a concepção judaica, não obedece cegamente a um deus. A moral e os costumes foram pactuados entre o ser divino e os humanos. Assim, ambos são colocados em situação de igualdade, e foi dessa forma que se deu o início daquilo que Sacks (2002) denomina como moralidade factual.

Após descobrir o que aconteceu ao vilarejo e como seu avô conseguiu fugir, Jonathan reconstrói os elos de sua identidade. Seu avô crescera naquele lugar, e sem a ajuda de Augustine, a mulher da fotografia, o protagonista não teria sequer nascido. Quem relata para Jonathan a invasão do vilarejo de Trachimbrod pelos nazistas é a irmã de Augustine. Ela conta que, quando as tropas chegaram, incendiaram a sinagoga e puseram os judeus em fila, para então matá-los um a um:

– Foi no centro da cidade. Ali – disse ela, apontando para a escuridão.
– Eles desenrolaram uma Torá diante dos homens. Uma coisa terrível. Meu pai ordenava que nós beijássemos qualquer livro que tocasse o solo. Livros de cozinha. Livros infantis. Mistérios. Peças. Romances. Até diários em branco. O General percorreu a fila mandando cada homem cuspir na Torá, ou eles matariam a família dele. (FOER, 2005, p. 249-250)

Somente um, dentre todos os homens, não cuspiu na Torá, o pai de Augustine, e, por causa disso, ela foi morta, mesmo estando grávida. A cena extremamente forte encontra sua explicação no fervor com que os judeus valorizam sua cultura. Para um judeu, cuspir em no texto sagrado seria um dos atos mais vergonhosos que ele poderia praticar:

Eu me pergunto se algum povo jamais amou um livro tanto quanto nós amamos a Torá. Nos levantamos quando ela passa, como se fosse uma rainha. Dançamos com ela como se dança com uma noiva. Se danificada ou destruída, nós a sepultamos, da mesma forma que sepultamos um amigo ou parente. Nós a estudamos ininterruptamente, como se ela encerrasse todos os segredos da nossa existência. Heinrich Heine certa vez chamou a Torá de "a terra ancestral portátil" do povo judeu, querendo dizer que quando não tínhamos nossa terra, encontramos um lar nas palavras da Torá. Ainda mais eloqüente, o Baal Shem Tov, fundador do Chassidismo no

século 18, disse que o povo judeu é um *Sêfer Torá* vivo, e que cada judeu é uma de suas letras. (SACKS, 2002, p. 55, grifos do autor)

A Torá é, como pode ser vislumbrado na citação, tão importante para os judeus quanto uma vida humana. Nela estão os preceitos religiosos dos judeus e também sua história. Por isso, o personagem não cospe no Sêfer – pois ele estaria cuspidando em si mesmo, em sua própria família. Além disso, a linguagem escrita é um símbolo de democratização do conhecimento entre os judeus, uma promessa feita por Deus a seu povo:

Vistes o que fiz aos egípcios, e como vos levei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, se realmente ouvirdes minha voz e guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade exclusiva dentre todos os povos. De fato é minha toda a terra, mas vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa, são estas as palavras que deverás dizer aos israelitas. (Êxodo 19, 4-6)

Normalmente, esse trecho bíblico é interpretado a partir de um sentido meramente religioso. Pode-se pensar que quando Deus promete tornar Israel uma nação de sacerdotes, está exigindo apenas que seu povo o adore. Isso seria uma visão, no mínimo, de uma divindade egoísta, tendo criado os homens para que fossem meramente servos.

O judaísmo vê no trecho citado uma conotação política e social, e não religiosa. Na época em que os hebreus foram prisioneiros no Egito, a linguagem utilizada era a hieroglífica, extremamente complexa, e de domínio quase exclusivo dos sacerdotes. Os seguidores de Moisés, no entanto, foram um dos primeiros povos a implementar o uso da escrita alfabética, bem mais simples e, logo, de mais fácil aprendizado. Assim, todos poderiam ter acesso às escrituras sagradas, e por isso seriam todos sacerdotes. Conhecendo a forma como se deu esse acordo, fica mais fácil compreender o porquê de os judeus manterem seus costumes peculiares até hoje. A moralidade pactual orienta os rumos da vida judaica. E percebendo o quão importante é o texto sagrado, pode-se compreender a dimensão do momento vivido pelo personagem do romance de Foer.

Danificar o Sêfer seria insultar a tradição de seu povo, pois o que unifica a identidade judaica é justamente o compromisso perene com a preservação da sua memória cultural, do passado de lutas, sofrimento, mas também um passado de glória, que mostra um povo escolhido por Deus para receber sua palavra.

A descoberta desses fatos trágicos é um momento fulcral da jornada do personagem Jonathan, que conhece as origens de sua família e como ele está relacionado à guerra. O personagem, ao encontrar o que seria essa sua origem perdida, vive um confronto consigo mesmo. É possível, então, traçar uma analogia entre a trajetória do personagem e a história bíblica de Jacó. Fugindo da fúria de seu irmão Esaú, Jacó enfrenta um estranho no meio de seu caminho:

Levantou-se naquela mesma noite, tomou suas duas mulheres, suas duas servas e seus onze filhos e transpôs o vau de Jaboque.
Tomou-os e fê-los passar o ribeiro; fez passar tudo o que lhe pertencia, ficando ele só; e lutava com ele um homem, até ao romper do dia.
Vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem.
Disse este: Deixa-me ir, pois já rompeu o dia. Respondeu Jacó: Não te deixarei ir se não me abençoares.

Perguntou-lhe, pois: Como te chamas? Ele respondeu Jacó.
Então, disse: Já não te chamarás Jacó e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste. (Gênesis 32, 22-28)

Esaú perseguia o irmão caçula Jacó porque este havia se passado pelo mais velho para receber a bênção do pai, Isaac. Em sua fuga, Jacó depara-se com um dos acontecimentos mais intrigantes das passagens bíblicas. Até hoje não há uma interpretação definitiva a respeito desse trecho; não se tem certeza de com quem ele lutou e qual é o sentido de tal episódio.

Muitos consideram que Jacó teria lutado com um anjo, e por isso fora abençoado. Essa, porém, não é a interpretação feita por Sacks (2002, p. 244 a 246). Para o rabino, é possível ver um sentido simbólico no trecho bíblico em questão. Jacó teria lutado internamente contra si mesmo, entrando em confronto com a sua personalidade e aquilo que ele queria para si, a bênção de seu irmão Esaú. Após vencer a batalha, ele finalmente se desvencilha de seu passado e está em paz para assumir sua identidade, passando a se chamar Israel, nome que, em hebraico, significa "aquele que luta com Deus".

Da mesma forma que Jacó, o personagem Jonathan entra em confronto consigo mesmo quando se depara com as memórias de seus antepassados e o horror do nazismo. Somente conhecendo seu passado, ele pode construir sua real identidade. A guerra ocasionou a fuga do avô de Jonathan para os Estados Unidos, onde pôde constituir uma família, criando seus descendentes de acordo com as tradições judaicas.

Algumas dessas tradições judaicas são apresentadas de forma bem-humorada, recriadas dentro do universo literário. Veja-se, por exemplo, a recontagem da história bíblica de Caim e Abel:

Caim matou o irmão por plagiar um de seus poematos favoritos [...]. Incapaz de conter a fúria de poeta desprezado, incapaz de continuar a escrever enquanto soubesse que os piratas sem-pena colheriam o butim de seu trabalho, incapaz de reprimir a pergunta *Se os versos iâmbicos não são para mim, o que será?*, o incapaz Caim pôs fim ao furto literário para sempre. Ou pelo menos assim pensou.

Mas para sua grande surpresa, foi ele, Caim, o punido, foi ele o condenado a lavrar a terra, foi ele o forçado a usar aquela terrível marca, e era ele que, apesar de toda a sua triste e espirituosa poesia, podia transar com alguém toda noite, mas não sabia de ninguém que houvesse lido uma página de sua magnum opus.

Por quê?

Deus ama o plagiador. E assim está escrito: "Deus criou os seres humanos à Sua imagem, à imagem de Deus Ele os criou." Deus é o plagiador original. Na ausência de fontes razoáveis das quais surrupiar – o homem criado à imagem do quê? dos animais? – a criação do homem foi um ato de plágio reflexivo. (FOER, 2005, p. 278 e 279)

Por sinal, sem conhecer os costumes da religião judaica, é difícil compreender o romance de Foer, pois ele é permeado de referências ao judaísmo ao longo de todo o fluxo narrativo, marcado também pela escrita dialética, como no trecho abaixo, que trata da existência de Deus:

OBJETOS QUE NÃO EXISTEM

Os objetos que não existem não existem. Se fôssemos imaginar objetos que não existem, eles seriam tudo aquilo que Deus odeia. Esse é o argumento mais forte contra os descrentes. Se Deus não existisse, teria de se odiar, e isso obviamente é absurdo. (FOER, 2005, p. 280 e 281)

A abordagem dos fatos de forma não linear e a linguagem poética e rápida, algumas vezes hermética, são frutos do estilo cinematográfico de criação adotado por Foer, que demonstra um forte poder imagístico em seus romances e sua filiação à dicção pós-moderna. Esta, ao mescla-se com elementos diversos, enriquecendo ainda mais as possibilidades do universo literário. Hoje, é cada vez mais brando o limite entre cada uma das artes; elas se relacionam e se misturam. Os artistas passaram a ironizar as formas tradicionais, que teriam se desgastado e perdido em parte seu poder catártico:

Mas foi na arte que o fantasma pós-moderno, ainda nos anos 50, começou a correr o mundo. Da arquitetura ele pulou para a pintura e a escultura, daí para o romance e o resto, sempre satírico, pasticheiro e sem esperança. Os modernistas (vejam Picasso) complicaram a arte por levá-la demasiado a sério. Os pós-modernistas queriam rir levemente de tudo. (SANTOS, 2001, p. 10)

A jornada das personagens em *Tudo se ilumina* se assemelha à trama de um *road movie*, gênero cinematográfico em que as personagens vão se conhecendo e se construindo ao longo de alguma viagem. Uma das características da literatura pós-moderna é, pois, a relação próxima com as outras artes, especialmente o cinema.

Durante a trama principal do livro, Jonathan e Alex constroem um forte vínculo de amizade, ao longo de um trajeto que proporciona a cada um dos dois a iluminação do autoconhecimento, com a visão peculiar, pois que irônica, de Foer acerca do que poderia ser visto como uma identidade judaica:

NÓS, OS JUDEUS

Os judeus são tudo aquilo que Deus ama. Como as rosas são lindas, devemos presumir que Deus as ama. Portanto, as rosas são judaicas. Pelo mesmo raciocínio, todas as crianças são judias, a "arte" bonita é judaica (Shakespeare não era judeu, mas Hamlet era), e sexo, quando praticado entre marido e mulher numa posição boa e adequada, é judaico. A Capela Sistina é judaica? Pode crer. (FOER, 2005, p. 280)

Conclusão

A romance de Foer apresenta um universo extremamente rico, permitindo leituras sob vários aspectos. O autor constrói um mundo seu, mas envolve uma memória coletiva de milhões de judeus e não judeus. Embora não se possa usar como critério de validação de uma obra de arte a lógica do chamado mundo real, é inegável a influência da cultura e da época em que um romance foi escrito sobre a criação do seu escritor.

Na leitura de um romance de um escritor de origem judaica, é provável que se encontre alguns elementos oriundos do judaísmo, pois o artista não vive à margem de sua época; de sua individualidade e, à luz desse contexto, ele traduz a realidade do mundo na ficção. *Tudo se ilumina*, de Jonathan Safran Foer, elabora, também, ficcionalmente, uma busca de uma identidade judaica. A busca pelo passado e a recuperação da memória cultural, das

reminiscências familiares, constituem, assim, pontos chave na composição do romance. Os escritos e o escritor tornam-se, desse modo, parte do Sêfer (Livro) vivo que é o judaísmo.

* **Maik Wanderson de Sousa Freitas** é Graduando em Letras – Licenciatura Plena em Língua Inglesa, na UECE, Universidade Estadual do Ceará.

Nota

¹Tradução: "A vasta e crescente literatura acerca da memória coletiva, baseada em pesquisas de sociólogos, historiadores e psicólogos, estuda as formas por meio das quais as sociedades relembram, representam e interpretam o passado, explorando não apenas o papel dos historiadores profissionais, mas, também, de filmes, de romances, de histórias populares, da mídia, do discurso político, dos livros em geral, além de monumentos, museus, rituais comemorativos".

Referências

BÍBLIA E HINÁRIO NOVO CÂNTICO. Trad. João Ferreira de Almeida. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

DESSÍ, Roberta. Collective memory, identity and cultural investments. Disponível em: <http://idei.fr/doc/wp/2004/memory.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2010.

EPELBOIM, Solange. Identidade judaica: formação, manutenção e possível modificação à luz da Psicologia Social. *Psico-USF*. Bragança Paulista, v. 9, nº 1, p. 87-97, 2004.

FOER, Jonathan Safran. *Tudo se ilumina*. Trad. Paulo Reis e Sérgio Moraes Rego. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAMM, Maurice. *Bem vindo ao judaísmo*. Trad. Dagoberto Mensch. São Paulo: Sêfer, 2008.

ROANI, Gerson. *Literatura e judaísmo: o rosto judeu de Borges*. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SACKS, Jonathan. *Uma letra da Torá*. Trad. Betty Rojter e Paulo Rogério Rosenbaum. São Paulo: Sêfer, 2002.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Trad. José Palla e Carmo. 5 ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1987.